

“Esta é a minha responsabilidade: viver d’Ele para O comunicar”

Marcos Pou Gallo

Enquanto, em virtude da esperança na qual fomos salvos, vendo passar o tempo, temos a certeza que a história da humanidade e a de cada um de nós não correm para uma meta sem saída nem para um abismo escuro, mas estão orientadas para o encontro com o Senhor da glória. Por isso vivemos na expectativa do seu regresso e na esperança de vivermos n’Ele para sempre: é com este espírito que fazemos nossa aquela comovente invocação dos primeiros cristãos com que termina a Sagrada Escritura: «Vem, Senhor Jesus!» (Ap 22, 20).

Francisco, *Spes non confundit* (Bula de convocatória do jubileu ordinário do ano 2025), 19.



ASOCIACIÓN
AMIGOS DE
**MARCOS
POU**

Apontamentos de Marcos durante a Peregrinação à Terra Santa

[...] Desde o início ficou mais do que patente uma clara indignidade, uma inadequação, uma falta de méritos para estar aqui. Acima de tudo, sendo exagerada a preferência de Outro. Eu não teria conseguido pagar isto. Muitos nunca conseguem pagar isto na vida, e a mim convidaram-me, pagaram-me tudo e explicaram-me tudo, cuidando de mim com uma paternidade imerecida. Isto é algo que tive de abraçar nesta viagem. Não foi fácil, ou pelo menos não foi de todo fácil; porque a justiça não é que todos têm o mesmo, mas é o que Deus dá a cada um, e aí temos de "aguentar-nos"; não ficamos satisfeitos em relação à curiosidade sobre a razão pela qual isto acontece. Acontece e ponto final.

Como foi a preferência única de Cristo por aqueles poucos pescadores de Cafarnaum, que não eram nem os mais instruídos nem os mais famosos ou piedosos; também não eram muito pobres nem muito ricos; nem inteligentes, nem fiéis, nem incoerentes ou coerentes. Eram eles, e o seu valor desde então é imenso, é particular, apenas pelo facto (99%) de que Outro os preferiu, e pelo facto (1%) de que eles não se opuseram, amaram mais esse Outro do que as suas imagens, misérias, capacidades ou medidas. É assim, o valor da nossa vida é o que Ele nos dá, e depende apenas da nossa disponibilidade, busca, abertura. Sou consciente da preferência que é ter podido fazer esta viagem, e da preferência de JM¹, mas também de que não é exclusivamente para mim: há Outro que me está a mimar, para poder (comigo) mimar a outros. E esta é a minha responsabilidade: viver d'Ele para O comunicar.

Também me apercebi de dois erros meus, duas conceções equivocadas que se dão em mim. Nos primeiros dias, fui insistente no pedido de que Ele se desvelasse, se me desse a conhecer, e isso é justo, é necessário pedi-lo. Porque, como se vê nos Evangelhos, é impossível "ver o rosto de Deus" se não é Ele mesmo que se revela, e Ele fá-lo como e quando

¹ Padre José Miguel García

quer. Eu dei-me conta que media a intimidade com Cristo (e ainda meço) dentro de uma emotividade, de uma capacidade de oração e imaginação, de uma intensidade sentimental; mas a oração não se pode reduzir ao sentimento que se tem dela, essa é uma medida humana, é incompleta. Aos olhos de Deus, a oração joga-se na sinceridade e na humildade do coração, na adesão simples e disponível a Ele na forma em que cada um se encontra. Não sabemos, no tempo, as consequências deste trabalho e desta oração – dizia-me JM – a nós cabe-nos estar disponíveis, e basta.

Outro erro meu diz respeito à Paixão de Cristo e à possibilidade humana de O acompanhar. Há já algum tempo nasceu em mim um desejo crescente de acompanhá-lo na sua Cruz, de ser como Nossa Senhora que o sustentou e acompanhou naquela dor, naquele sacrifício, pela salvação do mundo. É um desejo belo, graça de Deus para uma alma tão débil como a minha, que de facto o descuida, esquece ou desconsidera, e que, por outro lado, desobedece e foge do sacrifício. O meu erro estava em pôr toda a ênfase dessa possibilidade (acompanhar Cristo na sua paixão salvífica) em mim. Como se pudesse ser iniciativa minha uma possibilidade assim. E, com o meu pecado – incluindo o destes dias – vim-me abaixo ao admitir que não é assim. E também ao ver que o meu pecado tem consequências e aquilo que Ele sofreu por isso. Na relação com Ele, na vida, na possibilidade de amar, não pode contar tanto aquilo que eu faço, pelo simples facto de que eu não sei amar, de que sou pura traição, e não sei como funciona a vida. A dor foi gigante – e ainda é ao pensar nisso.

Sobretudo, pelo facto de reconhecer que eu desejaria oferecer-te tudo, Senhor, e não posso oferecer-te nada. É duro admiti-lo, mas até aquilo que Lhe queremos dar, tem de ser Ele a dá-lo a nós em primeiro lugar. Esse foi um ponto de inflexão difícil de admitir. Mas é assim, humilhante e, ao mesmo tempo, belo. Nós (para usar uma fórmula sintética) não nos damos nada na vida. Então perguntei-me: que sentido tem, pois, que Tu nos dês estes desejos tão altos, tão puros, e a

impossibilidade de os levar a cabo? Especialmente o desejo de amar, o desejo de dar a vida. Perguntava-me isso, talvez, com um resquício de rebeldia. Afinal, a vida é um soltar as rédeas, é deixar de lado a pretensão pecadora de que nos damos as coisas, de que as entendemos, de que as amamos, de poder mudá-las, de tudo. Por isso é tão complicado, porque é simples, é deixar-se fazer. A resposta é simples: Ele dá-nos esses desejos para que admitamos precisamente isto, que não podemos cumpri-los. E para nos dizer com a Sua presença paciente e para nos prometer com toda a certeza que com Ele podem cumprir-se, que esses desejos não são em vão, são belos, foi Ele que os inventou apesar de que os gerimos. E só Ele pode sustentá-los e protegê-los do ceticismo e do niilismo. Assim, pois, dei-me conta de que a única possibilidade de verdadeira mudança na minha vida é graça, e a primeira graça é desejá-lo, é desejá-lo a Ele, porque é como a potência dessa possibilidade. Por isso, convém seguir e pedir a graça de desejar. Acredito que isto é o que há de maior em mim, que, apesar de não ser nada, tenho “a lata” de desejar, porque Outro assim me concede. A possibilidade, portanto, de viver o que desejo é dramática, está nas Suas mãos e não nas minhas. A conversão é reconhecer esta verdade e abraçá-la, nada mais; e, em consequência, deixar-me fazer pela Eucaristia (sacramentos e companhia da Igreja) e pedir. Porque também me dei conta de que querer ser eu quem dá a vida a Cristo e não que seja Ele que ma tome é um orgulho, não é amar.

Quando, no dia do monte das Oliveiras, vi isto e me reconheci nos discípulos que adormecem, reconheci-me tristemente neles e comecei a chorar pela impossibilidade de oferecer algo a Cristo, não O estava a amar, pelo menos não completamente. Porque essa possibilidade existe, existe um caminho para poder oferecer cada vez mais a vida a Cristo, o problema é admitir a forma, e é Ele que a determina. Assim, pois, o que te ofereço Jesus da minha vida é (por agora), só o meu sim, e peço-te que despertes, dêes vida e leves a cabo este meu desejo. Puseste-me no coração esta intuição: o sentido da minha vida é participar na tua paixão,

a sua razão de ser é salvar a humanidade, e a sua consequência, a ressurreição. Agarro-me à tua promessa: “Aquele que começou em vós tão boa obra há de levá-la a cumprimento até ao dia de Cristo Jesus”. Leva-a a cumprimento, Senhor [...].

Também cresceu em mim a impressão de quanto a história da humanidade, o sentido de tudo, o que salva tudo é o que tem que ver com a tua história, com a tua cruz. Esse é o acontecimento mais especial e importante da história, e tudo o que não está ligado a ela é terrivelmente banal, é vertiginosamente passageiro e mortal. Tu és o único que ressuscitou, o único capaz de ressuscitar, sem ti tudo se perde! Reconhecendo a grandeza da Tua vida vinha-me claramente a certeza de que a única coisa que fará grande a minha vida, útil para Ti, é que a história de Cristo encontre uma continuidade em mim como a encontrou em Pedro e em tantos outros santos da história. Porque se assim não fosse, custar-me-ia abraçar o facto de que não me fizeste contemporâneo da Tua paixão, envergonhar-me-ia de não ter estado ali. Por isso, quero ser Tu hoje. Viver em ti hoje, e que tudo, tal e qual como me pedires e propuseres, seja um repetir-se na história da Tua vida, para mim e para aqueles que puseres ao meu lado. Dava-me vertigens pensar no sentido do tempo e do fazer. Por isso, interessa-me descobrir no meio deste mundo tão ruidoso, tão ativo, com tantas possibilidades e tão esquecido e desconsiderado contigo, o que tem a minha vida que ver com a tua paixão, com a tua vida. Urge-me.

Aqui poder-se-ia recolher outro dos frutos claros desta peregrinação como certeza, não me interessaria entrar no passado da história desse nazareno se não fosse por uma experiência presente; ou seja, que não me apego, não me interessa, não me provoca a tua vida se não pode ser presente. A minha necessidade durante estes dias trouxe isto ao de cima: o que urge é a tua presença presente, ainda mais do que saber todos os detalhes da tua história passada, porque se não, deixa de me interessar (e deixo de a conhecer –só se pode conhecer aquilo que se ama –) e perco a vida. O que me liga a ti hoje é que chego a um ponto que, sem

ti, eu não sou. Só a tua companhia carnal e sacramental me corresponde. Interessa-me esta história passado porque ilumina uma experiência presente, e assim foi. Isto é algo que se tornou evidente no *Dominus Flevit*. Quando estive ali, impressionou-me o quão concreta é a tua preferência, Senhor, mas perguntei-me porque é que não se tratava de exclusivismo, porque é que não seria um exclusivismo. Porque o que é certo é que Jerusalém, por muito extraordinária que fosse, era apenas uma cidade como as outras, com a sua população, dentro do grande que é o mundo (já então) e a quantidade de pessoas que haveria. Veio-me à memória o facto de que, a mim, alguma vez e de forma muito distinta em proporção e consciência, correndo pelo Caminho das Águas veio-me este pensamento, esta pergunta, esta sã preocupação pelo destino da cidade de Barcelona, por aqueles que lá vivem e o desejo de que o Pai os salvasse. Entendi que nós somos o prolongamento de Ti na história. Tu próprio “choras de novo”, e desta vez também por Barcelona, através de mim. Por isso, é uma preferência que abre ao mundo inteiro, que pretende chegar, onde haja um sim disponível, ao mundo inteiro. Isto é uma descoberta bela da tua contemporaneidade, que ao mesmo tempo me faz consciente da responsabilidade que tenho. E essa responsabilidade é deixar-te entrar, reconhecer-te.

Outro ponto que destaco é o método de Deus. Tornou-se evidente o método “viral” de Cristo. É tal e qual como nos contam no movimento². Cresci no respeito e na esperança em relação a esse método, na convicção de que é mais sugestivo e discreto com a liberdade humana e com o que é sensivelmente mais humano. Estas coisas tornavam-se evidentes nos milagres que Jesus fazia, como os fazia e diante de quem os fazia [...] não para resolver os problemas dos seus contemporâneos; porque o milagre é a Sua presença! Na resposta a certas necessidades concretas, Ele pretendia conhecê-los um a um, e que vissem quem era Ele. Depende de cada pessoa concreta dar-se conta ou não (e da graça) de Quem é Aquele que faz o milagre; esta é a questão. Esta discricção é

² Movimento di Comunhão e Libertação

levada ao extremo ao ver os lugares onde esteve, o tempo que esteve em Cafarnaum, “perdeu muito tempo” em gerar os discípulos. É, sem dúvida, o método da preferência. E que discreto é tudo! Como quando JM nos contou onde estava o Gólgota e o verdadeiro impacto em Jerusalém da sua crucifixão. No entanto, hoje milhares de turistas passam por estes sítios e podem nem sequer dar-se conta.

Quando Ele foi ter com o Pai ficaram apenas alguns discípulos atemorizados e, com a Sua presença neles, o cristianismo chegou aos confins do mundo. O paradigma desta discrição é Maria, sem dúvida alguma. Como é a sua casa, a sua visita a Isabel, ou o seu marido, ou a gruta de Belém e a capela do leite. Impressionava-me esta personalidade tímida e discreta com a qual Ele atua, não só aceita, mas escolhe e prefere, o nada para acontecer, o pequeno, o silencioso, o quotidiano. Para respeitar com uma paixão terna a liberdade e nunca para a forçar. No entanto, essa humanidade que te atrai existe e pode ser reconhecida. Neste sentido, cresci na atenção a Maria, no agradecimento ao seu Sim sincero e simples que permitiu que a esperança da minha vida, a Misericórdia, se fizesse um de nós.

Por isso, outra coisa de que me dei conta é que Pedro e Maria seriam duas pessoas mais da história; não seriam tão grandes se não fosse pela iniciativa e preferência de Outro. Isto surpreendeu-me muito, muito! Volto a casa tendo mudado muito em relação a este ponto. É como se antes da viagem os idolatrasse e ver a sua humanidade concreta fez-me perder esta espécie de idolatria, que se converteu num afeto agradecido, na consciência de que não são eles os grandes, mas Deus que os preferiu e fez maravilhas em, para e com eles (*Magnificat*), e que a sua grandeza vem do seu sim à preferência do Senhor. Por isso, a minha grandeza é imitar esse sim, o sim de Pedro no lago e o sim de Maria em Nazaré ou a cruz. Se o seu método é escolher alguns homens para se fazer presente entre os homens, então o que convém, a conversão, está no facto de me dar conta de quem são esses homens, de onde é que isso sucede, e viver ao seu lado. Seguir esses grandes homens escolhidos e “momentos de

peças” para crescer, para O reconhecer. Assim, resista mais ou menos àqueles a quem Ele escolhe, a quando e onde os escolhe, a questão é esta: agarrar-me bem agarrado a quem reconheço grande no meio do mundo e segui-lo. Isto é a autoridade objetiva da Igreja bastaria para crescer. Agora entendo melhor o que nos dizia Julián na Equipe³, que Ele ponha diante de nós testemunhas é piedade, pura piedade. [...] Ajudou-me muito o quadro que vimos por acaso na capela do convento dos franciscanos de Cafarnaum. Vê-se Jesus a comer peixe com eles, uns entram em casa, outros conversam. E era exatamente assim que deviam fazer-se amigos uns dos outros; não pelas grandes curas, não por causa de algo ruidoso e esplendoroso (também), mas por essa convivência serena. Imagino Jesus que falava com quem se tinha aproximado para o ver nesse dia enquanto pescavam, e pescando algum dia com eles. E a Pedro recolhendo com pressa as redes para ir para a montanha onde Jesus estaria a falar. Imagino-os a olhar para Ele, também quando Ele não falava, olhando-O enquanto limpava, cumprimentava, caminhava. Porque devia haver um silêncio e uma profundidade enormes em cada um dos seus gestos. Seria aí onde eles se fariam bons amigos, onde se apaixonariam pela Sua humanidade. Onde lhe fariam muitas perguntas, onde trariam mais amigos para que também o pudessem ver. Imagino Jesus muito tempo em silêncio, sorrindo-lhes ao ver a sua falta de jeito, corrigindo-os com paciência... De novo, a normalidade, a quotidianidade, uma convivência simples na qual se revela algo mais belo do que a cor das estrelas: o milagre era a Sua presença.

Só entendendo essa convivência, porque a vives, se pode entender a dor e o sim de Pedro. Foi a esse amigo, que dormia em minha casa, que eu neguei. E é a Ele, por toda a amizade que temos, por essa humanidade demasiado misericordiosa, a quem não posso dizer que não. Não sou nada, mas não posso dizer que não. Por isso, é indiferente o tipo de trabalho, pescar ou governar um país; se não é com o olhar fixo num

³ Equipe: Encontro Internacional de responsáveis de estudantes universitários de Comunhão e Libertação

homem que está, que te espera em casa, que te ensina a ver como é que o Pai alimenta cada criatura, não é humano. Isto fez com que eu entendesse como é que alguém conhece Cristo, como é que alguém se familiariza com Ele, como é que alguém se apaixona. E seriam coisas tão simples e quotidianas e nem sequer aparecem nos evangelhos, mas tão decisivas como o milagre da multiplicação dos pães ou o das bodas [de Caná]. E põe de novo o peso no quotidiano e no silencioso, e na comunhão cristã com aqueles que Ele agarrou. Não há nada na vida como a possibilidade de conviver com esse homem. Certamente que lhes teria custado adormecer, pensando em Jesus, perguntando-se inquietos o que faria diante deles no dia seguinte. Tão humano é Deus no meio de nós, tão discreto, tão próximo, e tão extraordinário. Com razão se assustariam na paixão, não entendiam como é que Jesus caminhava com a cruz em silêncio, como é que não respondia nem se libertava. Esse homem que acalma o vento deixa-se matar! Imagina que contradição, que dor. E que impressão vê-lo ressuscitado. Tudo se torna mais fácil de imaginar, entende-se muito mais. E então entende-se melhor como se deveria olhar para as multidões. Como quando chora por Jerusalém, ou como quando vê as pessoas como “ovelhas sem pastor”, ou como quando se dá conta da fome que têm os que vieram vê-lo. Isso foi o que me deixou em silêncio no *Dominus Flevit*: o que caracteriza Cristo é esta paixão, paixão e serviço total, pelo destino do homem concreto, da cidade concreta, de todos. Este é Cristo, e não há nada maior na vida do que conhecê-lo, e senti-lo vivo e palpitante em mim mesmo. E, consciente de que não chega a todos, de que são muitos os que se aproximam, “inventa” a Eucaristia, faz-se acessível e próximo. Tudo isto são rasgos de uma humanidade tão humana que só pode ser Deus.

Marcos Pou Gallo, 23 anos. Setembro de 2014



COLABORA COM A ASSOCIAÇÃO!

Estamos a realizar novas publicações sobre a vida de Marcos. Se desejas contribuir partilhando o teu testemunho sobre la vida de Marcos, podes enviá-lo para o seguinte email:

asociacionamigosdemarcospou@gmail.com

Do mesmo modo, para poder sustentar os custos das várias iniciativas da vida da Associação podes ajudar fazendo um donativo:

ES42 2100 0831 1802 0119 3298

Para saber mais informações: **www.marcospou.com**

Publicação por ocasião do 10º aniversário do falecimento de Marcos Pou
©2025. Associação Amigos de Marcos Pou